

FORMAÇÃO DOCENTE E OS MULTILETRAMENTOS: PRODUÇÃO E ANÁLISE DO GÊNERO FANCLÍPE

TEACHER EDUCATION AND THE MULTILITERACIES: THE MAKING AND ANALYSIS OF THE FANCLIP GENRE

FORMACIÓN DOCENTE Y LOS MULTILETRAMIENTOS: PRODUCCIÓN Y ANÁLISIS DEL GÉNERO FAN VIDEO

Thaís Costa Prado Alves

Graduada em Letras Português/Inglês pela Universidade Federal de Lavras. Lavras/MG, Brasil.

<https://orcid.org/0009-0001-6617-5976>

E-mail: pradoctha@gmail.com

Helena Maria Ferreira

Doutora em Linguística, Professora do Departamento de Estudos da Linguagem na Universidade Federal de Lavras e Diretora da Faculdade de Educação, Linguagens e Ciências Humanas. Lavras/MG, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0002-8749-5426>

helenaferreira@ufla.br

Isabela Vieira Lima

Mestra em Letras pela Universidade Federal de Lavras, Professora Substituta do Instituto de Ciências Humanas e Letras na Universidade Federal de Alfenas. Alfenas/MG, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0003-1749-0029>

isabelavieiralima_@hotmail.com

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo explorar o gênero fanclipe no contexto dos multiletramentos, no intuito de salientar a importância da produção e análise multissemiótica na formação docente. Isso se justifica pelo surgimento das mídias digitais e pela necessidade de os professores se atualizarem em relação aos novos desafios da educação. Para isso, recorre-se a autores como Jenkins (2009), Machado (2000), Rojo (2009) e Soares (2004), além da BNCC (2018). A metodologia é composta por: pesquisa bibliográfica, sobre a Teoria dos Multiletramentos e sobre o gênero fanclipe; análise do corpus, constituído por recortes de um fanclipe criado por uma das autoras. Como resultado, foram encontradas contribuições em relação à formação docente pautada nos multiletramentos; possível produção de fanclipes por alunos; leitura e análise de fanclipes para discussão de temáticas sociais.

Palavras-chave: Multiletramentos; Fanclipe; Formação docente; Textos multissemióticos.

ABSTRACT

This research has the objective of exploring the fanclip genre in the context of the multiliteracies, highlighting the importance of multissemiotic production and analysis for the process of student formation. Such is justified by the advent of digital media as well as the need for teachers to update themselves in relation to new educational challenges. Thus, authors such as Jenkins (2009), Machado (2000), Rojo (2009), and Soares (2004), besides BNCC (2018), are brought to the debate. The methodology is composed by: bibliographical research regarding Multiliteracy Theory and the fanclip genre; and the analysis of the fanclip's frames created by one of the authors. As result, contributions were found related to teaching training based on multiliteracies; possible production of fanclips by students; the reading and analysis of fanclips for the discussion of social theme.

Key-words: Multiliteracies; Fanclip; Teacher education; Multissemiotic texts.

RESUMEM

Esta investigación tiene como objetivo explorar el género fan video en el contexto de los multiletramientos, con el fin de resaltar la importancia de la producción multisemiótica para la formación del profesorado, esto se justifica por el surgimiento de los medios digitales y la necesidad de los docentes de actualizarse en relación a los nuevos desafíos de educación. Para ello se utilizan autores como Jenkins (2009), Machado (2000), Rojo (2009) y Soares (2004), además del BNCC (2018). La metodología consiste en: investigación bibliográfica, sobre la Teoría de los Multiletramientos y el género fan video; análisis del corpus, constituido por recortes de un fan video creado por uno de los autores. A consecuencia, se encontraron aportes en relación a formación docente basada en multiletramientos; posible producción de fan video por parte de los estudiantes; lectura y análisis de fan video para la discusión de temas sociales.

Palabras-clave: Multiletramientos; Fan video; Formación del profesorado; Textos multisemióticos.

INTRODUÇÃO

Para Ferreira (2019), a complexidade dos aspectos linguístico-semiótico-discursivos que são constitutivos dos textos que circulam na sociedade da informação e a tradição escolar que ainda dá primazia à dimensão verbal da linguagem, principalmente, à modalidade escrita, têm desencadeado novos desafios para as práticas de ensino e para a formação de professores. Essa organização multisemiótica exige habilidades de produção e capacidades de percepção para que se consiga construir sentidos, de modo a considerar as múltiplas linguagens constitutivas dos textos que circulam em diferentes contextos digitais. Desse modo, com vistas a propiciar oportunidades formativas para docentes de língua portuguesa, este trabalho propõe uma discussão acerca dos multiletramentos.

De acordo com Xavier (2009), o trabalho com os gêneros textuais em sala de aula pode apresentar limitações em função da não exploração da pluralidade de recursos que compõem os textos, tais como: linguagem verbal, imagens, cores, tipografias, divisões em páginas, sons, links e outros recursos possíveis e constitutivos da enunciação digital. Além dessa pluralidade, há uma sobreposição desses recursos semióticos que participam dos processos de produção de sentidos, os quais são redimensionados a partir dos usos de novas ferramentas de edição e das possibilidades proporcionadas pelo suporte digital.

Nessa direção, este trabalho tem como objetivo analisar, sob a perspectiva dos multiletramentos, como o gênero fanclipe pode atuar como objeto de estudo e análise pelos professores em sala de aula. O fanclipe foi escolhido em função de ser um gênero pouco estudado

no âmbito do ensino de Língua Portuguesa e, em contrapartida, integrar o cotidiano social dos estudantes. Para o embasamento teórico foram utilizados autores como Jenkins (2009), Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020), Machado (2000), New London Group (1996), Rojo (2009) e Soares (2004), bem como fundamentado na BNCC (2018). A metodologia é composta por: 1) pesquisa bibliográfica, sobre a Teoria dos Multiletramentos e sobre o gênero fanclipe; 2) análise do corpus, constituído por recortes de um fanclipe criado por uma das autoras, baseado na música “Maria da Vila Matilde”, de Elza Soares, em busca de retratar os múltiplos sentidos do fanclipe que podem ser discutidos em sala de aula, seja em relação às semioses e suas funções, seja em relação à temática apresentada (violência doméstica). Além disso, a análise é composta pelos métodos de produção do fanclipe.

Os multiletramentos têm despontado como dimensão urgente a ser contemplada sistematicamente pelas práticas pedagógicas, uma vez que a escola representa uma das agências de letramento. Espera-se que, a partir do aprofundamento teórico decorrente das análises aqui realizadas, seja possível propiciar uma reflexão sobre o trabalho com os textos multissemióticos em sala de aula, de modo especial, com o gênero fanclipe, contribuindo, de maneira direta, para o processo de formação de professores.

Formação docente na perspectiva dos multiletramentos

A sociedade contemporânea tem sido marcada por significativos avanços no contexto tecnológico e esses avanços reverberam em mudanças nos modos como os textos são produzidos e recebidos nos diferentes contextos da vida social. Os textos que circulam nas mídias digitais trazem a possibilidade da presença de diversos recursos semióticos e modos de linguagem articulados, a fim de garantir a construção de sentido. A combinação de palavras, imagens estáticas ou em movimento, gestos, sons, cores, diagramação, entre outros, passam a integrar a estrutura e o funcionamento dos textos, o que possibilita afirmar que todo texto é multimodal ou multissemiótico. Para Liberali et al. (2015, p.6),

A multimodalidade está ligada à integração de variados modos de construir significado em que aspectos multimodais (visuais, espaciais, auditivos, posturais, dentre outros) se adicionam ao texto escrito e falado,

por exemplo, na reconfiguração do modo como a linguagem é usada. Assim, diagramação, cores, desenhos, posições, tipo de letra, imagens, dentre outros recursos, poderiam ser utilizados como base para a criação, análise, compreensão e interpretação da realidade.

Complementando o exposto, Vieira e Silvestre (2015, p. 98) afirmam que o texto multimodal é “[...] uma unidade de significação, constituída pelos recursos semióticos dos diversos sistemas escolhidos pelo produtor de texto, num contexto de situação, para determinados fins comunicativos.”

Como apresentado pelos autores supracitados, na dimensão teórica há uma defesa de que todo texto é multimodal/multisemiótico e que essa configuração demanda a adoção de metodologias para discussão sistematizada acerca das potencialidades indiciadoras de sentidos das várias semioses, entretanto, na prática, as formas de ensino ainda desvelam tendências para a supremacia de textos verbais escritos, e ainda, focando em seu conteúdo temático.

Essa última constatação é importante, pois todo texto é materializado por meio de uma combinação de semioses. O próprio texto verbal escrito, por exemplo, apresenta marcas (cores, fontes diferenciadas, formatação, tamanho de fontes, negrito, itálico, sublinhado etc.) que indiciam sentidos e sinalizam para uma orientação do percurso interpretativo, ou seja, para o processo de produção de sentidos. Além disso, esses textos são inseridos em um contexto social, histórico e ideológico que também influencia no processo de leitura. Desta forma, a multimodalidade é constitutiva de todos os textos e os multiletramentos são necessários para sua compreensão e análise.

Nesse contexto, Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020, p. 24) consideram importante pontuar que as práticas educativas devem estar articuladas “[...] às condições contemporâneas de construção de significados/sentidos - incluindo a multimodalidade e as diversas formas de comunicação que encontramos uma ampla gama de contextos sociais e culturais em nossas vidas cotidianas”. Essa perspectiva “[...] abre caminhos para a participação social, em que se podem formar aprendizes com experiências e vivências culturais, sociais e econômicas distintas para construir significados e ter sucesso.” (KALANTZIS; COPE; PINHEIRO, 2020, p. 73)

Em concordância com os autores, a educação deve levar ao desenvolvimento de sujeitos-leitores capazes de entender, de produzir e de transformar significados linguísticos, visuais, de áudio, gestuais e espaciais no processo de criação de novos futuros sociais no trabalho, na esfera pública e na comunidade. Assim, passa-se a valorizar a multiplicidade de linguagens presente nos mais variados textos em circulação social, que, em sua maioria, estão inseridos no cotidiano a partir da disseminação das tecnologias de informação e comunicação. Em síntese,

A pedagogia tradicional da alfabetização focaliza o processo de ensino e de aprendizagem no estudo do sistema linguístico em uma perspectiva normativa. Uma pedagogia dos multiletramentos enfoca modos de representação muito mais amplos do que apenas a linguagem. Eles diferem de acordo com a cultura e o contexto e têm efeitos cognitivos, culturais e sociais específicos. Em alguns contextos culturais em uma comunidade aborígine ou em um ambiente multimídia, por exemplo - o modo visual de representação pode ser muito mais poderoso e relacionado à linguagem do que a "mera alfabetização" seria capaz de permitir. Os multiletramentos também criam um tipo diferente de pedagogia, em que a linguagem e outros modos de significado são recursos representacionais dinâmicos, sendo constantemente refeitos por seus usuários enquanto trabalham para alcançar seus objetivos culturais. (NEW LONDON GROUP, 1996, p. 64, tradução nossa)

Segundo os estudos de Rojo (2012), na perspectiva do GNL (New London Group), a Pedagogia dos Multiletramentos permite a ressignificação dos processos de produção, de circulação e de recepção de textos, bem como das práticas de linguagem (oralidade, leitura, produção de textos e análise linguística/semiótica e discursiva) que são dimensionadas na perspectiva das interações sociais e de contextos histórico-ideológicos.

Assim, a perspectiva dos multiletramentos visa a um ensino que contemple a multiplicidade de linguagens (multiplicidade semiótica) e de culturas (multiplicidade de saberes, tradições, valores). Nessa direção, as interações constitutivas do processo educativo podem ser consideradas como uma prática situada, pois mobilizam a natureza interativa da criação de significados/sentidos e fundamentam-se em desenhos/modelos disponíveis mais ou menos previsíveis em cada contexto. Além disso, o trabalho com os multiletramentos também visa a uma ampliação do letramento crítico, uma vez que os alunos, ao terem contato com os textos que circulam na sociedade, poderão atentar-se, na escola, para o contexto de produção e circulação desses textos, bem como para os recursos e escolhas realizados a partir de determinado gênero.

Segundo a proposta da Base Nacional Comum Curricular (2018, p. 67-68), é relevante:

proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens. As práticas de linguagem contemporâneas não só envolvem novos gêneros e textos cada vez mais multissemióticos e multimidiáticos, como também novas formas de produzir, de configurar, de disponibilizar, de replicar e de interagir.

Dessa forma, cabe aos profissionais de ensino buscarem subsídios teóricos e metodológicos que contemplem práticas de linguagem que envolvam gêneros textuais/discursivos – os textos multissemióticos – para que possam efetivamente promover o desenvolvimento de habilidades relacionadas aos multiletramentos.

A BNCC postula ser elementar, na área destinada à Língua Portuguesa, ampliar os letramentos do alunado ao considerar que a tecnologia provocou o surgimento de novos gêneros e textos multissemióticos e multimidiáticos, que se dão dentro das práticas de linguagem contemporânea, além de novas formas de recepção e produção dos mesmos. O multiletramento ganha espaço no processo de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa, pois, assim como afirma Rojo (2009, p.11), o papel da escola está atrelado a “[...] possibilitar que os alunos participem das várias práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita (letramentos) na vida da cidade, de maneira ética, crítica e democrática.”

A influência da tecnologia no cotidiano e a maneira como ela modificou as práticas letradas refletiu diretamente no ensino da língua materna, dessa forma, o contato com textos multissemióticos que circulam nas mídias digitais tornou-se rotineiro através dos computadores, celulares, tablets etc.

Segundo a BNCC (2018, p. 61):

é imprescindível que a escola compreenda e incorpore mais as novas linguagens e seus modos de funcionamento, desvendando possibilidades de comunicação [...] ao aproveitar o potencial de comunicação do universo digital, a escola pode instituir novos modos de promover a aprendizagem, a interação e o compartilhamento de significados entre professores e estudantes.

Portanto, a BNCC, contemplando os multiletramentos e a valorização das práticas letradas contemporâneas, demanda a abordagem de textos multissemióticos que fazem parte dessas novas linguagens. Esses textos aparecem nas competências e habilidades do Ensino Fundamental ao Médio. No Ensino Fundamental, no que concerne à leitura, a BNCC (2018, p.78) aborda num sentido mais amplo, para além do texto de modalidade escrita, “mas também a imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em movimento (filmes, vídeos etc.) e ao som (música), que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais”. Logo, exalta a importância dos recursos semióticos e a habilidade de compreender os efeitos de sentido causados por eles. Na produção, os recursos semióticos devem ser utilizados de forma articulada e adequada a fim de garantir a construção de sentido. Já no Ensino Médio, as competências referentes aos textos multissemióticos se dão no aprimoramento do que foi visto nos anos anteriores, vide: “[...]”

atenção maior nas habilidades envolvidas na produção de textos multissemióticos mais analíticos, críticos, propositivos e criativos, abarcando sínteses mais complexas.” (BRASIL, 2018, p. 500).

Tendo ciência de que os textos multissemióticos circulam mais comumente nas esferas digitais, Dionísio (2014) aponta que utilizá-los em sala de aula auxilia no desenvolvimento cognitivo do aluno, entretanto, há obstáculos ao considerar a formação docente, a velocidade dos avanços tecnológicos e a proximidade que os alunos têm com as mídias digitais fora do ambiente escolar. A BNCC aponta que, apesar de os alunos serem familiarizados com as práticas sociais que ocorrem na *web*, isso não quer dizer que se atentem às dimensões ética, estética e política, ou lidem de forma crítica com o que estão consumindo e produzindo. Adiciona ainda que a cultura digital “induz ao imediatismo de respostas e à efemeridade das informações, privilegiando análises superficiais e o uso de imagens e formas de expressão mais sintéticas.” (BRASIL, 2018, p. 61). O documento aponta que é necessário que a escola e o professor “eduque [os alunos] para usos mais democráticos das tecnologias e para uma participação mais consciente na cultura digital.” (idem)

Muitos são os desafios do professor para conseguir de maneira fluida trabalhar com esse conteúdo. Acompanhar os avanços tecnológicos e as influências dele nas práticas de linguagem requer uma constante atualização do processo de ensino-aprendizagem. Segundo Marcelo (2013, p. 27), “podemos dizer que temos escolas do século XIX, com professores do século XX, para alunos do século XXI”. O professor precisa acolher as mudanças, ressignificar e renovar seus métodos pedagógicos assumindo que as práticas de linguagem advindas da cultura digital são também importantes.

Diante do exposto, reitera-se que o percurso formativo de professores pautado na análise sistematizada das múltiplas linguagens constitutivas dos textos que circulam na sociedade da informação pode favorecer uma aproximação dos processos formativos com as demandas da sociedade, propiciando uma atuação pedagógica compatível com os usos sociais da linguagem, à diversidade cultural e às necessidades de aprendizagem dos discentes. Diante disso, a próxima seção apresenta um panorama da organização e do funcionamento do gênero fanclipe selecionado para estudo.

O gênero fanclipe e sua constituição multissemiótica

Ao caracterizar o gênero fanclipe é necessário discorrer sobre a sua origem, uma vez que esse gênero pode ser considerado como uma ramificação de outro gênero: o clipe ou o videoclipe.

Nesse contexto, é possível fazer alusão ao conceito de colônia/constelação de gêneros, que representa a coexistência de gêneros “transmutados” (transformados) e “transmutante” (gênero-base). Esse conjunto de gêneros apresenta características comuns e algumas diferenças. Normalmente, a esfera de comunicação permanece a mesma, mas o gênero pode sofrer alterações na organização composicional ou no propósito comunicativo. No caso em pauta, o gênero clipe/videoclipe (gênero-base) deu origem ao gênero fanclipe (gênero transmutado), os quais circulam na mesma esfera discursiva (no meio midiático), com características composicionais similares, mas com propósitos comunicativos distintos (videoclipe busca realizar a divulgação de uma produção e o fanclipe busca demonstrar a identificação dos fãs com a música/cantor).

Nessa direção, Araújo (2006) defende que não se trata de um subgênero, pois essa ideia sugere uma classificação hierárquica entre os gêneros. Para o autor, “as variações estão ligadas a traços genéticos pelos quais se irmanam os gêneros.” (ARAÚJO, 2006, p. 307). Assim, embora haja semelhanças entre os gêneros, a versatilidade das interações sociais permite o surgimento de novos gêneros a partir de outros que possuem características comuns, mas que emanam uma identidade particular.

Isto posto, enfatiza-se que a abordagem aqui utilizada acerca do gênero videoclipe se configura como uma proposta para a compreensão do gênero fanclipe, já que são gêneros que apresentam similaridades, e o último é uma transmutação do primeiro.

Segundo Soares (2004), o videoclipe surgiu como gênero televisivo e alavancou no fim da década de 80 com a criação do canal musical MTV (*Music Television*). Com o intuito principal de promoção, tanto do artista/banda quanto da canção, o videoclipe se trata da sincronização entre a imagem e a música como basilar à sua estruturação. O autor refere-se à significação de clipe como recorte ou pinça, dando a noção de que seria um emaranhado de imagens pinçadas que acompanham o ritmo da música; caso a música seja de batidas rápidas, o videoclipe também terá uma edição no mesmo ritmo, o contrário acontece em batidas lentas. Mas isso não é regra, pois esse gênero abre um leque de possibilidades de edição de acordo com as ideias de quem o produz; o que se tem de imprescindível é que o videoclipe provém da música.

Segundo Machado (2007), o videoclipe combina imagens sobrepostas com a inserção de inscrições de semioses verbais (escritas e orais) e sonoras em edições, que garantem a plasticidade e a textura de imagens organizadas em planos que se misturam no uso de diversos elementos incorporados em uma única apresentação, o que enriquece a leitura e demonstração de sentimentos, formas de manifestar pensamentos e ideias. O autor defende que o videoclipe não é apenas um jogo de imagens no computador simplesmente por ele mesmo, mas a “articulação do

vídeo enquanto um sistema de expressão.” (MACHADO, 2007, p. 30)

Além disso, Machado (2000) o caracteriza pela sua forma enxuta, de curta duração e com orçamentos menores comparados às grandes produções, como filmes; e pontua que são essas particularidades que o fizeram ser hoje em dia um espaço aberto a diversos tipos de produções experimentais. Por ser um gênero relativamente novo, alguns estudos são por vezes simplistas quando olham apenas pelo viés mercadológico, reduzindo-o a um produto de divulgação ao desconsiderar a parte artística envolta na criação do videoclipe. Para o autor,

é preciso prestar mais atenção aos videoclipes. Já se foi o tempo em que esse pequeno formato audiovisual era constituído apenas de peças promocionais, produzidas por estrategistas de marketing para vender discos. A última safra de videoclipes está aí para demonstrar que o gênero mais genuinamente televisual cresceu em ambições, explodiu os seus próprios limites e está se impondo rapidamente como uma das formas de expressão artística de maior vitalidade em nosso tempo. (MACHADO, 2000, p. 173)

A afirmação de Machado se torna ainda mais precisa após o surgimento de mídias digitais voltadas ao compartilhamento desse tipo de gênero, como o Youtube. Criado em 2005, o *website* possibilitou que seus usuários fizessem *uploads* de vídeos, incluindo videoclipes. A autonomia de escolher e assistir a qualquer hora um videoclipe de seu respectivo interesse, o que não era possível quando o gênero circulava apenas no meio televisivo, somados ao poder de publicar gratuitamente uma produção própria, fizeram com que a plataforma aumentasse o consumo e a criação; é neste último fenômeno citado que se encaixa o viés artístico, pois produzir um videoclipe demanda criatividade e capacidade inventiva, além de habilidades técnicas de edição.

De acordo com Mozdzenski (2013), além dessas questões supracitadas, a análise de videoclipes pode favorecer a compreensão de manifestações sociais e econômicas, enfatizando, por exemplo, questões ligadas ao racismo, diferenças étnicas, preconceito, entre outros elementos sociais. O estudo de videoclipes pode propiciar uma abordagem interativa e também a compreensão do fenômeno da multimodalidade, visto que esses textos são compostos pelos seguintes elementos: imagem (cor, iluminação, angulação); sons eventuais (ruídos e efeitos sonoros); música; componentes paratextuais (créditos e textos informativos que acompanha o vídeo); textos verbais acessórios e textos verbais essenciais.

Todos esses aspectos multimodais, em conjunção à evolução tecnológica, foram cruciais para o crescimento de produções amadoras e para romper o vínculo com grandes produtoras, que anteriormente eram fundamentais na carreira de novos artistas. Essa evolução tecnológica

permitiu a ampliação da produção, da circulação e da recepção de textos em vídeos, que favoreceu o desenvolvimento de novas tendências, tais como a produção de fanclipes.

O fanclipe é um videoclipe elaborado por fãs de determinada banda ou cantor, inspirados pela letra da música ou pelo clipe lançado oficialmente. O fanclipe está inserido no conjunto de gêneros que se caracterizam pela interação entre um grupo de fãs – denominado fandom (JENKINS, 2009) – que se articulam e relacionam com qualquer forma de produção cultural (livros, filmes, músicas, seriados, animações, quadrinhos etc.). Para o autor, “os fãs são o segmento mais ativo do público das mídias, aquele que se recusa a simplesmente aceitar o que recebe, insistindo no direito de se tornar um participante pleno.” (JENKINS, 2009, p. 188). Nessas produções, os fãs tomam como referência a produção do artista e fazem uma recriação, sem que haja quebra de direitos autorais e sem a pretensão de comercialização, mas sim, de interagir, interferir naquele universo ficcional, de deixar sua marca de autoria.

Ainda que o gênero seja considerado recente e que não existam muitos estudos acerca dele, já é compreendida a importância do fanclipe como texto multissemiótico que faz parte das práticas letradas nas esferas digitais. Pertencendo à familiaridade dos jovens, assim como as fanfics, a BNCC (2018) recomenda a produção e análise de fanclipes como proposta didático-metodológica:

[...] mais do que um ‘usuário da língua/das linguagens’, na direção do que alguns autores vão denominar de designer: alguém que toma algo que já existe (inclusive textos escritos), mescla, remixa, transforma, redistribui, produzindo novos sentidos, processo que alguns autores associam à criatividade. (BRASIL, 2018, p. 70)

Considerando as potencialidades formativas do gênero fanclipe para o aperfeiçoamento de habilidades relacionadas aos multiletramentos, além das contribuições para o incentivo à produção textual, de modo a garantir não somente estratégias de produção colaborativa, mas também a socialização das produções, o trabalho com esse gênero pode dinamizar as estratégias metodológicas para o trabalho com a compreensão de textos. De acordo com Ragi, Souza e Ferreira (2020, p. 116),

o gênero fanclipe pode favorecer o processo de ensino e de aprendizagem, por possibilitar uma reflexão acerca das condições de produção (objetivo, leitores/espectadores, veículos e mídias de

circulação), do processo de textualização (articulação entre semioses, projeto de dizer, escolhas realizadas pelos autores e efeitos de sentido), dos usos de ferramentas digitais para o aperfeiçoamento do letramento digital (manipulação e análise de ferramentas e recursos para a edição de áudio e vídeo).

No entanto, para o encaminhamento das práticas pedagógicas, é fundamental que o professor possua experiência com o gênero a ser proposto para estudo, produção e análise em sala de aula, seja com o próprio gênero fanclipe, seja com outros textos multissemióticos. Nessa direção, os autores supracitados consideram que os professores somente poderão viabilizar a ampliação das habilidades relacionadas aos multiletramentos se tiverem vivenciado esse tipo de experiência. Experiência essa que será retratada a seguir, durante a análise do fanclipe produzido.

Metodologia

A motivação para a seleção do gênero fanclipe se deu a partir da leitura da Base Nacional Curricular Comum – BNCC (BRASIL, 2018, p. 165), que apresenta como habilidades a serem exploradas:

(EF67LP12) Produzir resenhas críticas, vlogs, vídeos, podcasts variados e produções e gêneros próprios das culturas juvenis (algumas possibilidades: fanzines, fanclipes, e-zines, gameplay, detonado etc.), que apresentem/descrevam e/ou avaliem produções culturais (livro, filme, série, game, canção, disco, videoclipe etc.) ou evento (show, sarau, slam etc.), tendo em vista o contexto de produção dado, as características do gênero, os recursos das mídias envolvidas e a textualização adequada dos textos e/ou produções. Produção e edição de textos publicitários

(EF67LP13) Produzir, revisar e editar textos publicitários, levando em conta o contexto de produção dado, explorando recursos multissemióticos, relacionando elementos verbais e visuais, utilizando adequadamente estratégias discursivas de persuasão e/ou convencimento e criando título ou slogan que façam o leitor motivar-se a interagir com o texto produzido e se sinta atraído pelo serviço, ideia ou produto em questão.

Assim, compreender os modos de organização e de funcionamento do gênero fanclipe é relevante para a formação de professores, que precisam compreender os usos do gênero para uma abordagem pedagógica mais sistematizada. Para Felipe e Karwoski (2014), a utilização de tecnologias em sala de aula é uma estratégia capaz de chamar a atenção e o interesse do aluno por se tratar de uma prática articulada ao cotidiano social, pela configuração desafiadora e pelo

incentivo à criação criativa, tornando o processo de aprendizado produtivo, interessante e inovador em uma sociedade que se encontra, a cada dia, mais conectada e globalizada.

O fanclipe eleito para objeto de estudo está disponível na plataforma *Youtube* no seguinte link: <https://youtu.be/rQhI8fMhlaM>. Primeiramente, pelo fato de o fanclipe se originar de uma música ou clipe oficial postado por determinado artista, foi selecionada a música “Maria da Vila Matilde”, que faz parte do álbum “A Mulher Do Fim Do Mundo”, de Elza Soares. A escolha da música vai para além da admiração pessoal pela cantora e seu repertório, mas também pela importância da temática abordada na canção. A música relata um caso de violência doméstica e a forma com que Maria lidou com o ocorrido. O nome Maria utilizado não é em vão, sendo o nome próprio mais popular no Brasil, segundo o IBGE de 2010, assim, é possível entender a escolha do nome como a representação de várias “Marias” que sofrem da mesma violência.

Hooks (2000, p. 87) afirma que “A violência patriarcal em casa é baseada na crença de que é aceitável que um indivíduo mais poderoso controle outros por meio de várias formas de força coercitiva”. Segundo Elza Soares (2015), em entrevista para o UOL, “A música serve para denunciar, para gritar. Muitas vezes nós gritamos e as pessoas não nos ouvem”, portanto, produzir um fanclipe baseado nessa canção faz com que as vozes das mulheres ecoem ainda mais em forma de denúncia sobre as violências que as cercam. Nesse sentido, é relevante que o professor compreenda as potencialidades dos textos que trabalha em sala de aula para a promoção de transformações sociais.

Para produzir o fanclipe, foi necessário fazer um apanhado de imagens, já que o clipe são imagens pinçadas que, conjuntamente com a música, compõem o projeto de dizer proposto pelo enunciador. Ao todo, foram compiladas 17 imagens de pessoas, sendo todas elas em preto e branco e com aspectos antigos (*vintage*), isso se deu por dois motivos: não vincular pessoas da atualidade a um tema tão delicado, pensando que o fanclipe será visto por todos; explorar o contraste de cores na análise. A partir dessas escolhas, houve o momento de edição de cada imagem com o intuito de transformá-las na representação da letra da música. Para editá-las, foram utilizados dois programas, o *PicsArt*, aplicativo de celular, e o *Adobe Photoshop*, programa de computador.

Para representar a violência que precede a denúncia feita na música, foi escolhida a foto de um casal dos anos 40 e foram colocados alguns efeitos para esconder seus olhos e preservar sua imagem por estar associando-os a um ato criminoso. As edições se basearam em apagar o fundo da fotografia e adicionar novos elementos, como no exemplo abaixo (imagem original/imagem editada):



Figura 1 – Imagem original

Fonte: captura de tela do vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=rQh18fMhlaM>

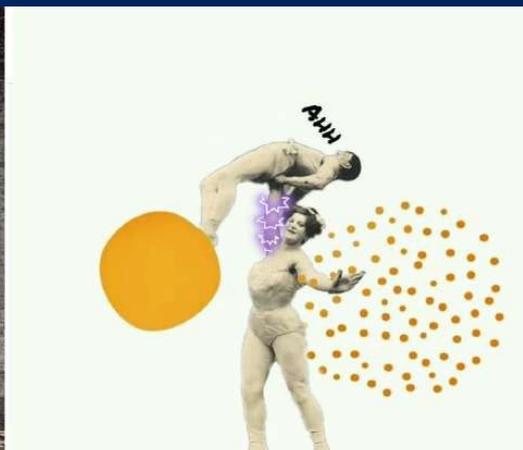


Figura 2 – Imagem com edição

O uso de ferramentas de edição permite a compreensão de que o contexto de circulação pode indicar outros sentidos. Do contexto de uma dança (figura 1), a imagem editada pode sugerir o empoderamento feminino (figura 2). A figura 2 é uma das representações do fragmento da música “Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim”, que aparece 9 vezes na letra e todas elas foram retratadas com imagens de mulheres empoderadas.

Em seguida, após editar todas as fotos e criar algumas imagens, chegou o momento de construir e editar o vídeo pelo aplicativo de celular, *Inshot*. Por meio dele foi possível transformar as imagens antes estáticas em imagens com movimento. O *Inshot* disponibiliza alguns recursos de edição, como efeitos que mudam a cor e balançam a imagem e outros que fazem parte da função “adesivos”, que, ao serem posicionados na imagem, passam a se mexer, dando movimento a determinada parte do vídeo. A dinamicidade do movimento pode servir como um estímulo à interação, na medida em que desperta a atenção do leitor-espectador.

Resultados

O fanclipe possui, ao todo, 77 frames ou quadro de imagens editadas. Para editar todas as cenas que aparecem no fanclipe, desde a separação das fotos até o resultado final, levaram-se 15 dias. Assim, é possível compreender que trabalhar com ferramentas de edição pode não ser uma tarefa fácil para o professor, mas pode ser para alguns alunos, que, de modo colaborativo, poderão contribuir para um processo de ensino e de aprendizagem mais interativo.

De acordo com Klein e Vosgerau (2018), a aprendizagem colaborativa pode trazer várias contribuições para a formação dos estudantes, entre os quais os autores destacam: o trabalho

conjunto, a interatividade, a aprendizagem compartilhada, a construção de conhecimento coletivo, o envolvimento ativo na sua própria aprendizagem e a inserção em um contexto social solidário e desafiador. Nesse sentido, é possível criar um ambiente de aprendizagem em que os alunos possam interagir, discutir, refletir e construir, além da construção conjunta do conhecimento, pelo cumprimento de atividades e objetivos comuns.



Figura 3 – Casal apaixonado

Fonte: captura de tela do vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=rQh18fMhlaM>

Na figura 3, a escolha de adicionar corações à imagem envolveu uma questão bastante comum nos textos multissemióticos, que é a representação metafórica – coração => amor. A cena sugere que aconteceu uma cerimônia religiosa de casamento, na qual o casal está representado de modo feliz, sorridente e apaixonado; ela contribui para o processo de textualização, uma vez que a temática da música se refere à violência doméstica. O uso de cores é um recurso relevante, pois a cor vermelha sugere paixão. O efeito conhecido como *glitch* também foi utilizado na intercalação dos frames, ele distorce e embaralha a imagem, como se fosse um chiado de tv, conjuntamente com a música que inicia com batidas fortes, dando a sensação de que apesar do casal estar contente, acontecerá algo ruim.

Segundo Joly (2007, p. 29), “[...] um signo só é ‘signo’ se ‘exprimir ideias’ e se provocar na mente daquele ou daqueles que o percebem como uma atitude interpretativa”. Além disso, é preciso considerar que uma produção imagética “depende da produção de um sujeito: imaginária ou concreta, a imagem passa por alguém que a produz ou reconhece.” (JOLY, 2007, p. 13). Assim, o casal, com trajes de noivos, sinaliza para um compromisso assumido por ambos e que, por isso, culturalmente, subentende-se que haveria cumplicidade e amor.



Figura 4 – Mulher ao telefone

Fonte: captura de tela do vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=rQhI8fMhlaM>



Figura 5 – Mulher fazendo denúncia

Fonte: captura de tela do vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=rQhI8fMhlaM>

Na figura 4, a combinação de palavras e imagens traz dinamicidade à produção. Assim, o uso do balão, constando o uso do recurso da onomatopeia (bla...), ajuda na orientação do percurso interpretativo, uma vez que sugere uma denúncia feita por telefone. Aqui, os gestos, a expressão facial, os personagens representados (mulher, telefone) contribuem para o processo de produção de sentidos de modo articulado à letra da música. Gomes (2017, p. 75) pontua que “não basta apenas o aluno (re)conhecer as linguagens que constituem um texto/enunciado em um determinado gênero”. A educação para o olhar implica também “a compreensão de que as escolhas que o autor faz das linguagens que constituem o gênero e o modo como as integrame maneja-as relacionam-se, também, com situações concretas de enunciação onde esse gênero circula.” (idem)

Na figura 5, o enunciado “eu moro na Vila Matilde” e a imagem de uma mulher fazem uma articulação com o título da música, o que evidencia uma unidade de sentido. De acordo com Villarta-Neder e Ferreira (2019, p. 596),

a habilidade para identificar os diferentes recursos (da linguagem verbal, das imagens e da retórica digital) e para compreender os modos como eles podem ser empregados isolada e interativamente para produzir sentidos constitui-se uma questão intrinsecamente relacionada aos multiletramentos.

Além disso, a expressão “Eu moro” relacionada ao uso do telefone pode invocar processos de inferência para situações que exigem essa estrutura verbal particular. Na cena retratada, isto é, ligação para a polícia em um processo de realização da denúncia, é muito comum a identificação de endereço pela vítima. Se essa estrutura verbal estivesse presente apenas no título, o aluno poderia interpretar que o foco da canção é a própria Vila Matilde, entretanto, percebe-se a necessidade de trabalho com a letra completa e a relação entre título e temática (violência doméstica). Esse tipo de leitura global é determinante para a construção crítica de sentido, visto que cada vez mais os alunos, em vista da dinamicidade de informações presentes na internet, só veem como necessária a leitura de títulos, seja de manchete de notícias, reportagens, artigos, seja de vídeos do youtube, instagram etc., construindo sua interpretação apenas por uma parte do todo, o que interfere na interpretação da realidade e na disseminação de fatos falsos ou incompletos.



Figura 6 – Homem correndo do cachorro

Fonte: captura de tela do vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=rQh18fMhlaM>

Na figura 6, a relevância do cachorro é demonstrada pelo uso de cores e pela saliência, já que o animal é colocado em primeiro plano. O uso de linhas cinéticas para representar o latido também é um recurso semiótico, conjuntamente da expressão facial do animal, que contribui para o processo de produção de sentidos. A escolha da mão com o dedo em riste sinaliza para uma ordem, reforçada pelo uso da palavra de ordem “Péguix”. A expressão facial e a posição do corpo do homem, sequenciadas pelo movimento ao longo das outras cenas, sugerem uma ideia de pavor e de medo.

De acordo com Oliveira e Coutinho (2009, p. 3), “a cor é um importante elemento de significação para a produção das informações nos meios de comunicação.” Por isso, é relevante

que, diante da ampliação dos estudos sobre análise, produção e circulação de imagens, a pesquisa desses fenômenos no ambiente escolar – no que diz respeito ao uso das cores como ferramentas pedagógicas – seja intensificada.



Figura 7 – Homem sendo exposto publicamente

Fonte: captura de tela do vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=rQh18fMhlaM>

A figura 7 utiliza a mesma imagem do homem presente na figura 6, mas o contexto sugere outra ideia de sentimento. Aqui, a cena sugere a exposição pública do agressor (normalmente, a violência é praticada de forma intimidadora e restritiva). Representando o fragmento da música “Eu quero ver/ Você pular, você correr/ Na frente dos vizim”, a ideia passada é de desespero, de constrangimento, de vergonha, uma vez que o agressor é exposto e humilhado publicamente, situação reafirmada pelas onomatopeias de gargalhada. Por meio das expressões faciais e corporais dos personagens, o leitor pode tornar-se envolvido, emocionalmente, pela narrativa. (ROJO; MOURA, 2019)



Figura 8 – Mulher com roxo no braço

Fonte: captura de tela do vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=rQh18fMhlaM>

Na figura 8, a marca roxa no braço, a partir do recurso da saliência, indica um sinal bastante comum para a identificação de episódios de violência. Além disso, o emprego da interjeição “ouch” traduzida para o português “ai” ou “ui”, sinaliza para a dor da agressão física. A atenção para os detalhes pode favorecer o desenvolvimento de habilidades de leitura, tais como a inferência e a análise da conjugação de semioses. Silveira (2019) considera que o recurso da saliência pode criar uma hierarquia de importância entre os elementos da imagem, selecionando alguns como mais importantes e merecedores de atenção do que outros. Nessa figura, compreende-se que a atenção do leitor é direcionada para um elemento que sinaliza um episódio de violência.



Figura 9 – Dados de violência contra mulher no Brasil

Fonte: captura de tela do vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=rQh18fMhlaM>

Na figura 9 e em várias outras anteriores e posteriores em que são apresentados dados estatísticos relacionados à violência contra a mulher¹, a seleção e a exposição das informações se configuram como recursos argumentativos, sendo inseridos em espaços da música de fundo exclusivamente instrumental. Discorrendo sobre a questão dessas escolhas, Barros (2012) explica que as interações/relações entre sujeitos (enunciador e enunciatário) se dão por fatores de ordem racional, sensorial, emocional, afetiva. Nesse caso, a opção foi pelo tipo racional, com o objetivo de permitir a reflexão sobre temas como violência, machismo, direitos humanos, disparidade de gêneros, entre outros.

¹ Disponível em: <https://relogiosdaviolencia.com.br/>. Em 2019, 1,6 milhões de mulheres foram vítimas de violência. Dentre esses números, 42% ocorreram no ambiente doméstico. Visto que o fanclipe pode ser utilizado em alguma prática pedagógica, elencar esse tipo de dado pode trazer os discentes para mais perto da realidade que é enfrentada no país.



Figura 10 – Elza Soares e sua representatividade

Fonte: captura de tela do vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=rQh18fMhlaM>

Na figura 10, a seleção da imagem de Elza Soares representa não somente a figura de intérprete da música, mas também a representatividade da cantora na luta contra a violência em relação ao gênero feminino² (ocupação de posição central). As mãos com dedos apontados referem-se ao questionamento feito pelo eu-lírico por meio da inscrição verbal “Pra cima de mim?”. Na sociedade ocidental, quando um elemento está presente no centro, é chamado de elemento central; quando está posto próximo às margens, é chamado de elemento marginal. Quando o elemento é colocado ao centro, ele tem um valor de informação importante – é o núcleo. Quando é posto às margens, o elemento assume um papel de menos importância na imagem (NOVELLINO, 2007). Desse modo, o protagonismo da personagem representada se dá pela referência musical e pela luta feminina.

A partir da análise aqui realizada, considera-se que, para a presente pesquisa, o estudo do gênero fanclipe trouxe contribuições em relação à:

1) *Formação docente pautada nos multiletramentos*: Além da própria produção de um gênero multissemiótico ser relevante para a formação docente, conhecer e aprofundar estudos sobre o fanclipe auxilia na compreensão das novas práticas letradas que fazem

² Elza, aos 12 anos de idade, teve um casamento arranjado por seu pai com um homem mais velho e no seu segundo casamento, sofreu o machismo da sociedade ao lado do esportista Mané Garrincha. Em ambos, ela foi vítima de agressões de seus companheiros alcoólatras. Informação disponível em: <https://www.doisniveis.com/sintropia-feminina/elza-soares/>. Acesso em: 12 abril 2023. Nos minutos finais da música, Elza canta “Pra cima de mim? Pra cima de muá? Jamé, mané!”, fazendo alusão à não aceitação das agressões através da denúncia. Tendo ciência de seu passado, as últimas imagens do fanclipe são da cantora no intuito de homenageá-la, pois, apesar do machismo tê-la feito vítima, ela luta por meio de sua música contra o patriarcado e contra todos os danos causados por ele sobre as mulheres.

parte dos interesses e do cotidiano dos alunos, assim como permite o conhecimento sobre as ferramentas de edição disponíveis para o trabalho com as práticas pedagógicas diversas;

2) *Prática de produção do gênero fanclipe em sala de aula:* espera-se que o fanclipe produzido possa servir de inspiração para a produção de outros fanclipes, uma vez que a identificação com a música e com o cantor constitui um ponto de partida para a motivação e para o enfrentamento das dificuldades inerentes à produção de textos multissemióticos, principalmente, para o uso de ferramentas de edição. Além disso, a produção multissemiótica exige o conhecimento e a escolha de recursos semióticos (saliência, cor) que existem no cotidiano dos alunos, principalmente, em redes sociais;

3) *Utilização do fanclipe “Maria da Vila Matilde” no âmbito escolar, para análise e discussão das semioses e da temática abordada:* a temática abordada no fanclipe relata um problema social que muitas mulheres vivenciam de diferentes formas, e, frente a isso, esse tipo de texto abre um leque de possibilidades em trabalhar diversos assuntos que envolvem questões que perpassam a sociedade. Sendo assim, é possível identificar a função das semioses na produção de sentidos atrelados a essas questões sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo refletir, sob o prisma dos multiletramentos, sobre o gênero emergente fanclipe e suas potenciais contribuições na formação docente. Trabalhar, em sala de aula, conteúdos que se materializam em outras modalidades de linguagem, para além da verbal, pode instigar uma maior curiosidade nos alunos, além de aguçar a criatividade e desenvolver, por meio da compreensão dos recursos semióticos presentes, novos letramentos emergentes das mídias digitais.

Assim sendo, é notável a relevância do estudo do gênero fanclipe, tanto para o trabalho com ele nas práticas pedagógicas no âmbito escolar, quanto para o processo de formação docente. Por ser relativamente novo, são poucos os estudos direcionados a ele, espera-se que esta pesquisa auxilie docentes e futuros professores em suas jornadas pedagógicas, pois, segundo Dionísio (2014, p. 41-42), “se o professor guiar as atividades de forma a dar cor, movimento, textura e perfume aos textos, certamente estará fomentando estratégias cognitivas que possibilitam aos aprendizes perceberem a vida dos gêneros textuais, favorecendo assim a construção do conhecimento.”

À vista disso, espera-se que este trabalho possa contribuir para uma reflexão acerca da

formação teórica e prática do professor, assentada nos pressupostos da Pedagogia dos Multiletramentos, que articulam os processos de conhecimento e os processos de aprendizagem, possibilitando uma visão ampliada acerca do aperfeiçoamento de habilidades relacionadas aos multiletramentos. Assim, este aperfeiçoamento pode trazer contribuições substanciais para a formação de professores no trabalho com textos multissemióticos, uma vez que implica os diferentes sujeitos, os diversos modos de significação, as dimensões culturais e ideológicas e os contextos de produção, circulação e recepção dos textos.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Júlio César. **Os chats: uma constelação de gêneros na internet**. 2006. 341 f. (Tese de Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal do Ceará, 2006.

BARROS, Diana Luz Pessoa. Algumas reflexões semióticas sobre a enunciação. In: DI FANTI, Maria da Glória; BARBISAN, Leci (org.). **Enunciação e discurso: tramas de sentidos**. São Paulo: Contexto, p. 25-49, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2021.

DIONÍSIO, Ângela Paiva. **Multimodalidades e leituras: funcionamento cognitivo, recursos semióticos, convenções visuais**. Recife: Pipa Comunicação, 2014.

FELIPE, Anna Karoline Biliato; KARWOSKI, Acir Mario. A inserção de novas tecnologias em sala de aula. In: XXII Jornada de Iniciação Científica da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. **Anais**. Uberaba: UFTM, 2014.

FERREIRA, Isabella Bacha. **Textos multissemióticos e novas habilidades de leitura: contribuições para a formação docente**. 2019. 92 f. (Dissertação de Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Lavras, 2019.

GOMES, Rosivaldo. Gêneros multissemióticos e ensino: uma proposta de matriz de leitura. **Trem de Letras**, v. 3, n. 1, p. 56-80, 2017.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 6. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Nomes no Brasil:** nomes mais populares. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em:
<<https://censo2010.ibge.gov.br/nomes/#/ranking>> . Acesso em: 03 mai 2021.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência.** Trad. de Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2009.

JOLY, Martine. **Introdução à Análise da Imagem.** Lisboa: Edições 70, 2007.

KALANTZIS, Mary; COPE, Bill; PINHEIRO, Petrilson. **Letramentos.** Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

KLEIN, Edna Lampert; VOSGERAU, Dilmeire Sant’Anna Ramos. Possibilidades e desafios da prática de aprendizagem colaborativa no ensino superior. **Educação**, v. 43, n. 4, p. 667-698, 2018.

LIBERALI, Fernanda et al. Projeto DIGIT-M-ED BRASIL: uma proposta de desencapsulação da aprendizagem escolar por meio dos multiletramentos. **Revista Prolíngua**, v. 10, N. 3, p.2-17, 2015.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério.** São Paulo: Editora SENAC, 2000.

MACHADO, Arlindo. **Made in Brasil:** três décadas do vídeo brasileiro. São Paulo: Iluminuras/Itaú Cultural, 2007.

MARCELO, Carlos. Las tecnologías para la innovación y la práctica docente. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro , v. 18, n. 52, p. 25-47, 2013 . Disponível em:
<<https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v18n52/03.pdf>> . Acesso em: 15 abr. 2021.

MOZDZENSKI, Leonardo. As configurações genéricas e multimodais do videoclipe. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 38, n. 64, p. 100-117, 2013. Disponível em:
<https://online.unisc.br/seer/index.php/signo>. Acesso em: 23 abr 2021.

NEW LONDON GROUP. A Pedagogy of Multiliteracies: Designing Social Futures. **Harvard Educational Review**, v.66, p.60-92, 1996.

NOVELLINO, Marcia Olivé. **Fotografias em livro didático de inglês como língua estrangeira:** análise de suas funções e significados. 2007. 203 f. (Dissertação de Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2007.

OLIVEIRA, Natália Maria França; COUTINHO, Francisco Ângelo. A influência das cores na identificação e Interpretação de imagens no ensino de ciências. VII Enpec (Encontro

Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências). **Anais**. Florianópolis: UFSC, 2009.

RAGI, Taísa Rita; SALLES, Raphael Soares; FERREIRA, Helena Maria. Formação de professores para o trabalho com a produção de textos multissemióticos: o gênero fanclipe em questão. *In*: Congresso Internacional de Educação e Tecnologias. **Anais**. São Carlos: UFSCAR, p.1-11, 2020. ISSN 2316-8722. Disponível em: <<https://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2020/article/view/1409>>. Acesso em: 20 fev 2021.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Letramentos, mídias, linguagens**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

SILVEIRA, Deise Mônica Medina. **Audiodescrição de charges e cartuns no livro didático digital**: uma proposta de parâmetros à luz da Gramática do Design Visual. 2019. 257 f. (Tese de Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, 2019.

SOARES, Elza. **“A música serve para denunciar, para gritar”**. Cult. [2015]. Entrevista cedida à Nathalia Parra. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/a-musica-servepara-denunciar-para-gritar/>>. Acesso em: 01 maio 2021.

SOARES, Thiago. **Videoclípe**: o elogio da desarmonia. Recife: Livro Rápido, 2004.

VIEIRA, Josenia; SILVESTRE, Carminda. **Introdução à multimodalidade**: contribuições da gramática sistêmico-funcional, análise de discurso crítica, semiótica social. Brasília: J. Antunes Vieira, 2015.

VILLARTA-NEDER, Marco Antônio; FERREIRA, Helena Maria. Processos de textualização em textos não verbais: formando professores na perspectiva dos multiletramentos. **Calidoscópio**, v. 17, n. 3, p. 592–614, 2019.

XAVIER, Antonio Carlos. **A era do hipertexto**: linguagem e tecnologia. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2009.

Recebido em: 22/04/2023

Parecer em: 04/05/2023

Aprovado em: 06/05/2023

